

RELAÇÃO ENTRE O DISCURSO DO OUTRO E O OBSTÁCULO APRESENTADO PELA CRIANÇA NA LÍNGUA ESCRITA

Ana Karla Lemos Byron de Lima(UNICAP)

karlabyrn@ibest.com.br¹

Glória Maria Monteiro de Carvalho(UNICAP)

gmmcarvalho@uol.com.br

2

RESUMO: Este artigo tem como eixo, a investigação de dificuldades apresentadas pela criança, em sua produção escrita. Propõe-se, então, que uma escuta do discurso do outro sobre a criança poderia propiciar um melhor entendimento acerca do obstáculo que se interpõe à escrita infantil. Essa proposta se fundamenta na abordagem da aquisição de linguagem de Cláudia de Lemos que, a partir de Saussure, Jakobson e Lacan, elege a noção de *captura* como explicativa da mudança, que ocorre no *infans*, de sua condição de não falante para uma condição de falante. Trata-se, portanto, de uma captura da criança pelo funcionamento estrutural da língua: os processos metafóricos e metonímicos. Assumimos, então, na perspectiva adotada, que essa noção de captura, do mesmo modo que explica a mudança, poderia fornecer pistas para uma tentativa de abordar obstáculos que se opõem a tal mudança. Desse modo, pretendemos buscar um a melhor compreensão sobre a maneira como a criança é capturada pela língua, para que possamos tirar as consequências, tanto no que diz respeito ao percurso de aquisição da língua escrita, bem como no que concerne a problemas que ocorrem nesse percurso.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem; captura; processos metafóricos e metonímicos; dificuldades na escrita.

Introdução

Neste artigo tentamos realizar uma análise dos significantes do discurso do outro (familiares, professores, terapeuta) sobre a criança, especificamente sobre as dificuldades que ela apresenta na escrita, a fim de lançar uma luz de investigação de tais dificuldades. Acreditamos, portanto, que os resultados apresentados diante do que se propõe observar, trarão efeitos sobre profissionais que lidam com a questão dos

¹ - Mestranda do Curso de Ciências da Linguagem da UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), Psicopedagoga institucional e clínica atuando em consultório particular no município do Recife.

² - Pós-doutora em aquisição de linguagem pela Universidade Estadual de Campinas, Professora e Pesquisadora do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE.

obstáculos que se apresentam à criança, em seu percurso de aquisição da língua escrita, pretendendo, com isso, trazer uma contribuição a essa área.

E para que essa análise seja efetivada, tentaremos à luz dos estudos de De Lemos (2002), compreender o percurso linguístico da criança dos processos metafóricos e metonímicos por uma releitura que a mesma fez de Saussure (2012) que aborda o funcionamento da língua e Jakobson, em seu texto, “*Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia*”, (1985) bem como, o percurso feito na Psicanálise, por Lacan (1995) no que diz respeito ao “sujeito do inconsciente”.

1. A posição do *infans* como sujeito falante

No que se refere à compreensão da leitura – escrita; da fala da criança; é importante ressaltar que De Lemos (2002), ao tentar desvendar o que constrói esse universo lingüístico, e de como o mesmo acontece, bem como a maneira de como a criança adquire a linguagem; na formulação de sua teoria, ela recuperou; trouxe para sua abordagem os teóricos linguísticos estruturalistas que se seguem como: Saussure e Jakobson bem como se fez necessário o encontro com a obra de Lacan na Psicanálise, para definir o conceito de sujeito a ser assumido nessa proposta.

A estudiosa necessitou fazer a releitura desses para maior aprofundamento e compreensão. Isto é, nessa releitura, De Lemos formula as posições ocupadas pela criança, numa estrutura em que se faz presente a Língua em seu funcionamento metafórico e metonímico; a fala do outro e a fala da criança.

Assim, tenta compreender as mudanças na relação da criança com a língua; a noção de captura da criança pela língua como explicação para mudança de posição dessa criança durante sua trajetória linguística.

De-Vitto e Carvalho (2007) pontuam que De Lemos (1992), volta-se para o estruturalismo europeu dos linguistas citados, e envolve a noção de língua como sistema em sua proposta e coloca:

Se nos processos dialógicos ficava evidenciado; em destaque o jogo da afetação entre falas, ficava claro, então, que faltava ali, uma teoria sobre a linguagem que explicasse os efeitos desse jogo, e as mudanças na aquisição (DE-VITTO E CARVALHO, 2007, p.134).

Segundo Carvalho (2007), De Lemos (1992), mobiliza os processos metafóricos e metonímicos para interpretar as mudanças na fala da criança. Pontuam também essas autoras, que De Lemos (1992), implica a língua – “os mecanismos descritivos e explicativos”, em sua proposta teórica.

Lier De-Vitto e Carvalho (2007) pontuam que abordar a língua como sistema significa um obstáculo: para que a mesma não seja percebida; “concebida; como passível de ser parcelada e ordenada (como em descrições gramaticais)”.

Segundo essas autoras esse é o ponto diferencial, preponderante; na teoria de De Lemos: *o da ordem própria da língua*, na abordagem da fala e nas mudanças que nela ocorrem. É nesse contexto, que se colocam as diferenças interacionistas de Claudia de Lemos e a área de aquisição da Linguagem.

Fato esse, que segundo as mesmas, é importante ressaltar que a pesquisadora não ignora a Linguística, mas sua teoria assume primordialmente, *o compromisso com a noção de língua*. Aqui é onde ocorre um novo impasse e um desafio teórico se apresentam; de abordar a mudança de um ponto de vista estrutural, mas não gramatical (CARVALHO, 2007, p.135).

Partindo daí, os linguistas são invocados: Saussure pertencente ao estruturalismo europeu, apesar de não usar o termo metáfora e metonímia, como Jakobson, fala dos signos dentro do sistema, e já trazia em seus estudos esses termos quando ao se referir as funções sintagmáticas e associativas (paradigmáticas) da mesma maneira que os processos metafóricos e metonímicos são referidos por Jakobson.

As funções sintagmáticas e paradigmáticas, segundo Saussure (2012), associam-se na memória e ocorrem fora do discurso, formando grupos que faz sobressair relações diversas. Relações essas, de acordo com o CLG, que unem termos na cadeia discursiva, conhecidas assim como, “reações *in absentia* numa série mnemônica virtual. E tem por base a extensão; com sede no cérebro; desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2012. P.143).

No que se refere às relações sintagmáticas de acordo com o CLG, Saussure (2012), pontua que: existe *in praesentia*: repousa em dois ou mais termos igualmente presente numa série efetiva., Sendo o oposto da relação pragmática (associativa) - (SAUSSURE 2012 p.143).

De acordo com Saussure (2012), o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas: re-ler, contra todos, a vida humana, Deus é bom, se fizer bom tempo sairemos, etc.

Portanto, no CLG, de acordo com esse mesmo autor, as relações sintagmáticas estão baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (SAUSSURE, 2012, p. 142).

Jakobson (2007), no entanto, a partir das ideias de Saussure (2006), baseando-se nas relações associativas e sintagmáticas, tem um novo olhar sobre as mesmas, dando-lhes novo nome baseando-se nas figuras de linguagem já existentes na retórica clássica: metáfora e metonímia, por isso o eclodir do nome: processos metafóricos e metonímicos.

Em Linguística da Comunicação, Jakobson (2007), quando se refere aos polos metafórico e metonímico ressaltando que toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração mais ou menos grave, sendo da faculdade de seleção e substituição, ou da faculdade de combinação e contexto oscilando entre dois tipos de afasia:

A relação de similaridade (distúrbio de similaridade) ou afasia de recepção, que também envolve deterioração das operações metalinguísticas e a relação de contiguidade que altera o poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas (conhecido como afasia de emissão (JAKOBSON, 2007, p. 48).

Segundo Jakobson (2007), metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade e a metonímia com o distúrbio da contiguidade. Também pontua em seu texto, com o título “*Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia “uma relação entre os campos Linguísticos e Psicanalíticos*, ao abordar a competição entre os dois procedimentos, metonímico (da contiguidade) e metafórico (da similaridade) que se torna manifesta em todo processo simbólico, quer seja subjetivo, quer social. Eis porque numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as sequências temporais usadas se baseiam na contiguidade (“transferência” metonímica e “condensação” sinedóquica de Freud) ou na similaridade (identificação e simbolismo freudiano). (JAKOBSON, 2007, p. 51).

Segundo De-Vitto e Carvalho (2007), na releitura dos linguistas citados, De Lemos (1992), propõe três posições da criança na estrutura como explicativas da mudança (na linguagem e na criança).

- ✓ **Na primeira posição** a criança se encontra *interligada a fala do outro*. Ela ainda não é capaz de interpretar a língua ela averigua a fala desse outro, tendo uma dependência dessa fala (fragmentos incorporados constituem a fala da criança).
- ✓ **Na segunda posição** a criança *é um falante, submetido ainda, a fala do outro* “tem dominância do funcionamento da língua que faz eclodir erros diversos. É quando ocorre a entrada do outro/interlocutor, mas não é capaz de reconhecer o próprio erro. É impermeável à correção.(De Lemos 2002).
- ✓ **Na terceira posição** *há uma dominância da relação da criança com a sua própria fala*. É a fase do desaparecimento dos erros. É quando ela passa em sua fala a pausas, reformulações, correções. Dividindo-se entre aquele que fala e aquele que escuta (falante/ouvinte).

Assim, fica evidenciado segundo De-Vitto e Carvalho (2007):

O enigma se refez na fala da criança: a resistência é escutada pela autora da proposta e ganha destaque, a constatação empírica de que os erros, embora imprevisíveis, não ocorrem de forma aleatória. (DE-VITTO E CARVALHO, 2007, p. 138).

De acordo com De lemos (2002), *o polo dominante é a relação do sujeito com a própria fala*. Embasadas na teoria de De Lemos, De-Vitto e Carvalho (2007), pontuam que ao estudarmos a aquisição da linguagem compreenderemos de forma melhor o Interacionismo e assim, teremos uma ponte para melhor desvendar a fala; a língua que invade o nosso universo; o nosso ser e o do outro.

As estudiosas procuram deixar claro que devemos nos referir ao universo da fala da criança não como um desenvolvimento, mas sim, como mudança de posição da criança em relação a sua língua. Ressaltam também, que devemos estar atentos aos pontos relevantes desse contexto: o outro, a língua e a própria criança (sujeito) “a não coincidência entre a fala da criança e a do outro; a singularidade da fala de criança é efeito do funcionamento da língua” (DEVITTO E CARVALHO, 200, p.140).

Segundo (LIER DE-VITTO E CARVALHO, 2007, p.140 *apud* DE LEMOS, 2006, p.60) fica evidenciado que o investigador é assim surpreendido pela emergência

das combinações singulares que parecem ao mesmo tempo pertencer e não pertencer à língua.

Assim, faz-se importante ressaltar que o Interacionismo, segundo Lier De-Vitto e Carvalho (2007), não se esquiva ou se recusa ao “*esforço de teorização*”: “Ele assume seu estatuto de provisoriedade – o movimento contínuo de *fazer/desfazer/refazer a teoria*” (LIER DE-VITTO – E CARVALHO, 2007. p.144).

Diante do que fora colocado, meglhar-se-á na leitura de Jakobson, Saussure e Lacan na tentativa de compreender e desvendar a linguagem e os obstáculos; entaves que a criança apresenta em seu percurso da língua escrita, bem como o discurso de seus familiares em relação a essa trajetória.

2. Concepção de língua

Sabemos que Saussure é conhecido pela edição que se fez de alguns dos seus manuscritos, redigidos por ele provavelmente com o objetivo de preparar os cursos de Linguística Geral que ministrou em 1907, 1908, 1909 e 1910; além dos seus manuscritos, também foram objeto de edição as anotações que seus alunos fizeram durante os cursos a que assistiram. A partir desse material, Sechehaye e Bally constituíram o livro Curso de Linguística Geral, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure (SILVEIRA, 2003).

Segundo Maliska (2010), O Curso de Linguística Geral é sem dúvida alguma um livro fundador de uma nova disciplina e de outra discursividade sobre os estudos linguísticos. Maliska, (2010), pontua também que nesta discussão poder-se-ia supor a existência de dois Saussure, o do CLG e o dos anagramas, em que o do CLG seria um Saussure diurno, acadêmico, científico, *e o dos anagramas*, um Saussure noturno, poético, louco, visionário.

A dicotomia é justamente uma forma de opor o Saussure cientista, que busca esboçar um modelo epistemológico para a Linguística, e o visionário, que passa noites em claro decifrando loucamente a escuridão dos anagramas. Esse mesmo autor pontua que Saussure era um visionário embevecido por enigmas da linguagem, um herói a ponto de desvendar os mistérios da palavra:

Saussure é um autor que nasce trágico, um autor construído a partir de pequenos fragmentos lacunares que paradoxalmente fundam um

campo de saber. Estavam, mestre e discípulos, longe de prever que os Cursos em Genebra e sua posterior edição, em livro, se tornariam o baluarte das Ciências da Linguagem e quiçá das Ciências Humanas (MALISKA, 2010, p.29).

Maliska (2010) coloca que o CLG torna-se um texto fundador por apresentar o esboço de uma ciência no corpo de uma prática já estabelecida. A invenção saussuriana inovou, por apresentar e procurar justificar epistemologicamente outra forma do fazer ciência Linguística.

Fora abordado também por esse autor que o CLG assim como as anotações sobre os anagramas são verdadeiros achados da invenção saussuriana. A paixão pelo saber faz de nosso personagem um desbravador do campo científico, um aventureiro em terras desconhecidas, quiçá jamais imaginadas.

O desconhecido se faz presente na ponta de sua pena, o faz perturbado com seus questionamentos acerca da causalidade da língua, da arbitrariedade do signo. Não se trata, então, de dois Saussure, um em cada obra; são dois Saussure presentes nas duas obras, mas dois que são um só, ou de outro modo, é um dividido, cindido, seccionado – não dois no sentido da alteridade, e sim um dividido não inteiro (MALISKA, 2010, p.32).

O mencionado autor (2010) aborda ainda que, “O Curso de Linguística Geral” foi para a época, dentre outras coisas, uma tentativa de estabelecer um novo estatuto epistemológico para a ciência Linguística. Até então havia um alto rigor em relação às pesquisas de gramática comparativa, mas não havia ainda uma teoria linguística que desse conta da definição de um objeto no campo da linguagem (...) faltava algo que desse coesão definitiva a estas formulações.

Um dos trabalhos da gramática comparativa consistia em estabelecer regras de funcionamento das línguas, a ponto de ser possível a reconstituição de línguas ditas mortas ou em desuso buscando-se regras de uniformidade entre elas ou mesmo pistas que explicassem em que medida uma determinada língua influenciava diversas outras. (MALISKA, 2010, p.33).

Desse modo, (Maliska, 2010), pontua que estava presente, ainda que subentendida, certa relação de causalidade das línguas, que de uma forma ou de outra remetia à questão da origem, nem que fosse por um caminho interpretativo. A rigor, era

certa noção de história – evolutiva, linear, - que punha o tema da origem, ainda que virtualmente, no horizonte:

Saussure propõe a postulação estrutural do que seria uma língua, e tal estrutura estaria situada num plano para além da empiria dos fatos da língua. Ele busca então uma definição, um conceito de língua no intuito de se chegar a uma estrutura teórica a respeito da língua – um conceito, e não um objeto empírico. (MALISKA, 2010, p.34)

O que Saussure opera é a invenção de um postulado teórico, mas ao fazer isso promove uma discursividade tal que é impossível haver língua antes de Saussure (MALISKA, 2010, p.34).

No Capítulo III, do Curso de Linguística Geral, Saussure (2012) indaga: “*Mas o que é a língua?*” Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de *linguagem* e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2012, p.17).

Saussure (2012) coloca que a língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação: desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele. (SAUSSURE, 2012, p. 17).

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, valer o argumento de que a fala – natural ou não - de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a *língua* que faz a unidade da *linguagem* (SAUSSURE, 2012, p.18).

Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstruir o circuito da fala. Este ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo (SAUSSURE, 2012, p.19). Diante dessa concepção de língua, o presente artigo pretende elucidar o porquê das dificuldades apresentadas na escrita. Pois diante do que se presencia na contemporaneidade o discurso do outro no desenvolvimento da linguagem da criança, repercute em sua escrita.

2. Polos metafóricos e metonímicos no campo linguístico e psicanalítico

Jakobson (2007) pontua que as variedades de afasia são numerosas e diversas, mas todas oscilam entre os dois tipos polares que fora pontuado anteriormente. Toda forma de distúrbio afásico consiste em alguma deterioração, mais ou menos grave, da faculdade de seleção e substituição, ou da faculdade de combinação e contexto.

A primeira afecção envolve deterioração das operações metalinguísticas, ao passo que *a segunda* altera o poder de preservar a hierarquia das unidades linguísticas. A relação de *similaridade* é suprimida no primeiro tipo a de *contiguidade* no segundo. A metáfora é incompatível com o distúrbio da similaridade e a metonímia com o distúrbio da contiguidade.

Chemama (2002), aborda que Lacan descreveu metáfora como sendo “Uma palavra por uma outra” e cita como exemplo um verso de V.Hugo em *Booz Adormecido* “*Seu feixe não era avaro, nem odioso...*” Porém, não se trata simplesmente da substituição de uma palavra por outra: uma delas substitui a outra, ao ocupar seu lugar na cadeia significante, mantendo presente o significante escondido em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.

Existe, portanto, na metáfora um elemento “dinâmico dessa espécie de operação de feiticeiro, cujo instrumento é o significante e cujo objetivo uma reconstituição segundo uma crise do significado”, acrescentando Lacan, a respeito de Hans, “do significante cavalo... que irá servir de suporte a toda uma série de transferências”, a todos os remanejamentos do significado (CHEMAMA, 2002, p. 135).

Chemama (2002) aborda também que foi quando estudava o delírio do presidente Schreber e descobria suas articulações, que J.J.Lacan, em seu Seminário “As

Estruturas Freudianas das Psicoses” (1956/57), recorreu ao estudo de R. Jakobson a respeito das afasias motoras e sensoriais (*Essais de linguistique générale, I*), no qual a degradação da linguagem se dá nas duas vertentes do significante: no primeiro caso são afetada a articulação e a sintaxe, ocorre o agramatismo, distúrbio da contiguidade; no segundo caso (afasia sensorial), onde não se pode pronunciar a palavra, dá voltas em torno dela; permanece na paráfrase, sendo-lhe impossível qualquer resposta a uma demanda de sinonímia; sua intenção está presente mas desviada “são os distúrbios da similaridade. É conservado o significante, mas sua intenção é frustrada, enquanto que, na afasia motora o que se decompõe é o vínculo interno com o significante”. (CHEMAMA, 2002, p.136).

Jakobson (2007) pontua que manipulando esses dois tipos de conexão (similaridade e contiguidade) em seus dois aspectos (posicional e semântico) – por seleção, combinação e hierarquização -, um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais.

O supracitado estudioso, reintera também, que na arte da Linguagem, a interação desses dois elementos é particularmente marcante. Uma rica matéria para o estudo dessa relação pode ser encontrada nas formas de versificação em que o paralelismo entre versos sucessivos é obrigatório como, por exemplo, na poesia bíblica ou nas tradições orais da Finlândia ocidental e, até certo ponto da Rússia.

Uma vez que a todo nível verbal – morfológico, léxico, sintático e fraseológico – uma ou outra dessas duas relações (similaridade e contiguidade) pode aparecer e cada qual num ou outro de seus aspectos – uma gama impressionante de configurações possíveis se cria.

Um ou outro desses dois polos cardiais pode prevalecer. Nas canções líricas russas, predominam as construções metafóricas, ao passo que na epopeia heroica o processo metonímico é preponderante. Na poesia diferentes razões podem determinar a escolha entre esses dois tropos. (JAKOBSON, 2007, p.49).

Jakobson (2007), ressalta que a estrutura bipolar da linguagem (ou de outros sistemas semiológicos) e, no caso da afasia, a fixação num desses polos com exclusão do outro, estão a exigir estado comparativo sistemático. A permanência de um ou do

outro desses polos nos dois tipos de afasia deve ser relacionado com a predominância do mesmo polo em certos estilos, hábitos pessoais, modas correntes etc.

Conclusão

Diante do que fora abordado, vale ressaltar que segundo De Lemos (2002), um novo caminho se vislumbra e o que ele mostra é simplesmente que desfazer e refazer são operações que talvez digam mais das vicissitudes do investigador na investigação do que da matéria ou do sujeito supostamente investigado.

Como pontuado por Borges (2004), as crianças estão, em seus princípios constitutivos, próximas da estrutura que nos ordena, elas denunciam o tempo todo o quanto são faladas, ditas pelo imperativo linguageiro dos *gran-des*. Parecem meros intermediários, porta-vozes de uma *mensa-gem* da qual não sabem o remetente e o destinatário..

É nesse sentido que propomos elucidar os obstáculos que permeiam o percurso da aquisição da criança na língua escrita realizando uma leitura de Saussure, Jakobson e Lacan a luz de seus inscritos sobre os processos metafóricos e metonímicos, e possamos assim como, De Lemos avaliar e discutir as dificuldades da criança no processo de aquisição de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Sonia. **Criança corpo e linguagem: quem fala?**. Revista Estilos da Clínica, - Vol. IX, nº 16, 122-12, São Paulo, 2004.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise larrouse**. 2 reimpressão – São Paulo: Editora: Artmed. 2002.

DE-VITTO, Maria Francisca Iler e CARVALHO, Glória Maria de. Teoria de aquisição da linguagem. Ronice Müller de quadros e Finger. *In: o interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem*.

DE LEMOS, Cláudia. **Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, (42): 41-69, Jan./jun.2002.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 24 ed. Cultrix, São Paulo, 2007.

MALISKA, Maurício Eugênio. **Entre a linguística e psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure.** 2 ed. Juruá – Curitiba, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** BALLY, Charles.; SECHEHAYE, Albert.(orgs.), – 33 Ed - ed. Cultrix, São Paulo, 2012.